

TERESA DIAS

IASAUDE - Unidade Operacional
de Intervenção em Comportamentos
Aditivos e Dependências

Novo ano escolar

Caminhamos a passos largos para o fim de mais um ano, mas para muitas crianças e jovens este é um momento de início ou de um novo começo. O ano letivo ainda há pouco arrancou, uma fase de adaptação, para uns trazendo a novidade de um mundo novo, aberto à descoberta de novas aprendizagens, novas convivências, para outros o regresso a um ambiente familiar e caras conhecidas.

Diferentes idades, diferentes desafios e uma janela aberta de oportunidades para, informar, sensibilizar, consciencializar, esclarecer dúvidas. Partilhar momentos com os alunos mas também com os pais e educadores.

O novo ano escolar traz a oportunidade de influenciar e promover nas crianças e jovens, atitudes e comportamentos saudáveis, mobilizando os alunos para o conhecimento, favorecendo o espírito crítico e a reflexão sobre as suas experiências.

Durante a infância e a adolescência, tanto a família como a escola são os dois contextos de desenvolvimento privilegiados. Duas realidades distintas que convergem para um objetivo comum, decisivas para produzir mudanças positivas e minimizar os efeitos negativos no processo de desenvolvimento, contribuindo para a orientação positiva das crianças e dos jovens.

Mas, nem sempre este é um percurso fácil para alguns jovens. Determinados fatores, tais como, a pressão para atingir um excelente desempenho escolar, a pressão do grupo de pares, problemas familiares, a curiosidade e a predisposição para o risco, entre outros, aumentam a probabilidade de envolvimento em comportamentos comprometedores para a saúde, como por exemplo a violência, os comportamentos sexuais de risco e o consumo de substâncias aditivas.

A escola é um contexto fundamental para ensinar mas tam-

“

Durante a infância e a adolescência, tanto a família como a escola são os dois contextos de desenvolvimento privilegiados.

bém para detetar dificuldades, para sinalizar e identificar situações de risco, permitindo atuar a montante de algumas condições que são geradoras de preocupação, e que interferem com o crescimento saudável.

À família cabe o papel principal e preponderante, não só em relação à educação, mas também em relação ao domínio emocional e afetivo dos seus filhos. Favorecer um bom ambiente familiar, assegurar as condições básicas de vida, estar disponível, implementar uma disciplina consistente, supervisionar, acompanhar o contexto em que os filhos vivem e se desenvolvem, valorizando as conquistas e as competências adquiridas, são requisitos essenciais para orientar os nossos filhos para serem autónomos, aptos para lidar com os obstáculos que a vida possa apresentar, sem que para isso seja necessário o recurso a comportamentos prejudiciais para a sua saúde. **JM**

AGOSTINO NOBILE

Escritor



Efeitos colaterais dos migrantes

Ninguém se deveria opor aos migrantes, porque o mundo é composto de migrantes. Nós somos todos migrantes. Mas existem alguns aspetos que a maioria dos políticos ocidentais ignora ou finge ignorar. A Eurostat estima que em 2013 mais de 122 milhões de cidadãos europeus, ou seja, cerca de 24% da população do velho continente, estava em risco de pobreza ou exclusão social. Desde que as

portas da Europa foram abertas à imigração ilegal, parece que essas taxas caíram drasticamente. Ou seja, em dois anos 122 milhões de europeus voltaram a viver com dignidade. Devemos nisso acreditar? Não só. Aos migrantes ilegais, ou seja, sem documentos de identidade, cada Estado paga, em média (cálculo feito com base na avaliação dos custos de funcionamento dos centros de acolhimento), 35 euros por dia. Assim, se um Português, um Grego ou um Húngaro a trabalhar ganha 400/500 euros em média por mês, um imigrante ilegal sem trabalho recebe 1.050 euros. A isto somamos o facto de que o aumento dos números dos migrantes está assumindo proporções bíblicas. Desde o século passado, os povos europeus emigraram legalmente para as Américas ou para o resto da Europa, tra-

balhando incansavelmente para atingir um certo nível de bem estar. Ninguém lhes deu alojamento, alimentação e cartões telefónicos, tendo a capacidade de se adaptarem à cultura dos países hospedeiros, enriquecendo-os com o seu trabalho e o seu talento. Hoje, além dos cristãos fugindo dos massacres realizados por extremistas islâmicos, a Europa não tem obrigação de acolher todos os migrantes, especialmente devido a que a maioria dos migrantes são homens jovens e fortes provenientes de países onde não existem conflitos. Nas zonas de guerra os perseguidos são cristãos, culpados pelo “crime” de serem cristãos. Só na Síria foram mortos aos milhares, homens mulheres e crianças, e mais de 1 milhão e 500 mil fugiram de suas casas. Entre outras coisas, os ricos países muçulma-

nos como a Arábia Saudita, Qatar e Emirados Árabes Unidos, não aceitam imigrantes, até mesmo muçulmanos. Se considerarmos que estes países são os apoiantes e financiadores do Isis que mata e dá caça aos cristãos, destruindo inclusive as suas casas, põe-se-nos de imediato algumas perguntas. Além disso, desde que o monarca da Arábia Saudita nos “conforta”, dizendo-nos que está pronto para construir 200 novas mesquitas para ajudar os muçulmanos que chegam à Alemanha, devemos, pelo menos, de novo nos questionar. Além disso, não devemos subestimar o aspeto mais preocupante. A Frontex, agência europeia do controlo das fronteiras, confirmou que a maioria dos migrantes têm passaportes falsos. Um jornalista britânico que comprou um desses documentos, diz que pelo menos 2%

dos imigrantes são terroristas infiltrados. Não é possível determinar com precisão a autenticidade do valor dessa percentagem, mas os serviços secretos dos países europeus estão alarmados. As agências europeias previram que a Turquia de Erdoğan - que segundo os observadores internacionais é um dos principais financiadores do Isis - no próximo ano vai empurrar à força para a Europa seis/oito milhões de migrantes muçulmanos. Já no ano passado o Isis ameaçou destruir a Europa através de fluxos migratórios que o Ocidente jamais poderia imaginar. Esperemos que os nossos governos, evitando o politically correct que costuma perverter os ingénuos, sejam bastante previdentes para nos ajudar a evitar um futuro que pode destabilizar a ordem sócio-cultural europeia. **JM**